

O Tuiuti



2013 / Nº 82



**Guarda
Nacional**
Em Defesa do Império



O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHDRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Fuzileiro da Guarda Nacional; ao fundo, bandeira do Império.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo **O Tuiuti**, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com

GUARDA NACIONAL

Dr. Hernani Donato

Historiador, Acadêmico-Emérito da FAHIMTB

“OU ERA DA GUARDA NACIONAL OU NÃO ERA NINGUÉM”

De 1831, quando criada, até a República, quando extinta, a Guarda Nacional foi o melhor indicador para se conhecer a importância de um homem na sociedade brasileira. A lei que a criou disse que a GN deveria “defender a Constituição, a liberdade, a independência e a integridade do Império”. Todo homem livre, com mais de 18 anos, possuidor de um certo patrimônio, pertencia à Guarda, mas a subida na hierarquia dependia da posição social da família, da sua renda, da possibilidade pessoal de pagar a taxa correspondente aos altos postos do oficialato.



Daí que somente os capitalistas, os grandes fazendeiros, os altos



Caricatura de clássico coronel-comendador de comarca interiorana (João Accioly Neto, Revista "Careta")

funcionários chegaram a ser majores, tenentes-coronéis, coronéis. Os famosos coronéis que dominaram a política do país.

Este modo de escolher os comandantes nos municípios e nas províncias - pela influência da família, do partido, da pressão social - e o pagamento das patentes é que, nos seus últimos anos, tornaram a Guarda Nacional menos respeitável. Porém, no apogeu do regime monárquico, era preciso pertencer à Guarda. Ela bem mereceu o apelido de briosos pela participação em todas as revoluções e guerras externas, inclusive naquela contra o Paraguai, para a qual remeteu 31.190 dos seus alistados. Além disso, escoltou presos, garantiu o transporte de valores, substituiu o Exército - do qual era tropa auxiliar - nas guarnições de praças e fronteiras. O historiador Jacobina Lacombe afirmou que a GN *"foi a arma*

salvadora da unidade nacional... foi com essa força que o governo venceu as tormentas da desagregação e da anarquia".

O moço que ao chegar aos 18 anos não dispusesse, por si ou por seu pai, de renda bastante para se inscrever na Guarda Nacional estava rebaixado para a Guarda Policial, destinada a combater salteadores, atacar quilombos, caçar escravos fugitivos. Assim, a vida ficava muito mais difícil para esse moço num tempo em que a escalada social exigia enormes esforços.

A última aparição pública da Guarda Nacional aconteceu no desfile do 7 de setembro de 1911, no Rio de Janeiro.

"POIS NÃO, SEU CORONEL!"

Desde os tempos remotos, sempre houve aqueles homens que mandavam e desmandavam, faziam e desfaziam, podiam tudo e alcançavam o que pedissem, para o bem e para o mal. No século XIX foram chamados de coronéis, pois todos eles ocupavam o posto mais alto da Guarda Nacional (criada em 1831). Dispondo de poder e de dinheiro, chegavam fácil à patente, ao domínio político, econômico e social de sua região.

Essas cidades ou áreas ficavam devendo a ele - coronel - o que recebiam em progresso: estradas,

repartições do governo, escolas, verbas especiais. Na verdade, eles amaram e serviram à sua “pequena pátria”, o município, embora o governassem com apetite pessoal, às vezes disfarçado sob a forma de práticas democráticas.

Escolhiam os candidatos a vereador, a intendentes (vereadores não eleitos mas designados), a deputados, a senadores. Não se faziam nomeações sem consultá-los. Muitos, especialmente no Norte e Nordeste, dispuseram de exércitos particulares empregados em guerras entre os próprios coronéis ou postos à disposição do governo para “manter a lei e a ordem”. A Bahia e a Paraíba assistiram a tais conflitos e sofreram com eles, sendo que na Bahia alguns desses coronéis enfrentaram com certa vantagem a Força Pública do Estado. Extinta a Guarda Nacional com a proclamação da República, os coronéis não perderam o título nem o poder.

No extremo sul eram chamados coronéis caudilhos, no centro, coronel da briososa (briososa, apelido da Guarda Nacional); na Amazônia, coronel de barranco, no sertão do Nordeste, coronel donatário. Ora combateram, ora ajudaram ou toleraram o cangaceirismo, servindo-se desses bandos ou aniquilando-os.

As novidades impostas pela revolução de 1930, a abertura de estradas, a

industrialização, a escolarização, as comunicações e a vontade oficial de livrar-se da sua influência liquidaram o coronelismo. Mas isso já em pleno século XX. Pois no século XIX tais personagens foram um grande poder e o exerceram plenamente.

•

Fonte:

DONATO, Hernani. **História dos Usos e Costumes do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 2005, p. 287 e 304.

•



Dr. Hernani Donato

Sobre o Autor: O autor, já falecido, era Acadêmico-emérito da FAHIMTB vinculado à cadeira Ten Cel Diogo Arouche de Moraes Lara, o paulistano que foi, em 1816, o primeiro historiador militar terrestre do Brasil como Reino Unido de Portugal e Algarve. (*Nota do Editor*)

O Fundador da **Marinha de Guerra** do Brasil

Prof. João Marinônio Carneiro Lages

Bacharel e licenciado em História UCPEL – 1961

Delegado da FAHIMTB em Rio Grande - RS



Nascido em 13 de junho de 1763, e batizado como José Antonio, em homenagem ao santo do dia, o Patriarca da Independência, depois chamado José Bonifácio de Andrada e Silva, se notabilizou em muitos setores da política e do conhecimento humano.

Em 1783, matriculou-se na Faculdade de Direito de Coimbra, onde se formou em 1788, mas anteriormente (1787) já se formara em Filosofia. Seus conhecimentos e pesquisas o credenciaram para ser o primeiro professor catedrático de Mineralogia na Universidade de Coimbra, mas

também se destacou como cientista, tecnólogo, literato, economista, geólogo e aclamado como patrono da Taquigrafia no Brasil.

Sem dúvida, a faceta mais marcante de José Bonifácio é a sua atuação política, especialmente nas ações que antecederam a Independência do Brasil e no período logo posterior que vai até ao segundo Império.

Quanto à sua atuação em prol da Marinha de Guerra do Brasil, estruturando-a logo após a Independência, quando era o Ministro mais destacado de D. Pedro I, suas

iniciativas já foram reconhecidas pela Marinha atual e pelos historiadores. Consciente da importância do Brasil possuir uma Marinha de Guerra forte e atuante, José Bonifácio muito se empenhou na rápida estruturação de nossa armada.

Em 1963, a Marinha colocou uma expressiva placa no "Panteão dos Andradas", em Santos, onde se lê: *"Ao seu fundador José Bonifácio de Andrada e Silva, em cuja excelsitude se congregam todas as grandezas para agigantar a Pátria - Homenagem da Marinha de Guerra Brasileira, no bicentenário de seu nascimento. 3 de junho de 1763 - 3 de junho de 1963."*

Em outra homenagem, a Marinha de Guerra do Brasil fez cunhar uma plaqueta de bronze com a efígie do Patriarca, com os dizeres: "Ao seu fundador, José Bonifácio de Andrada e Silva, no bicentenário de seu nascimento, a Marinha agradecida. 3 de junho de 1763 - 3 de junho de 1963". Do outro lado está gravado o escudo da Marinha.

Agora, ao completarem-se os 250 anos do fundador da Marinha de Guerra do Brasil, cabe recordar todas as ações que vivenciou, bem como o papel de seu irmão Martim Francisco, Ministro da Fazenda, e de Joaquim Gonçalves Ledo, jornalista e político liberal.

Conhece a Expressão?

"Trabalho de Penélope"



Penélope (na imagem, a Penélope Vaticana) é a personagem da mitologia grega que esperou durante vinte anos a chegada de seu esposo Ulisses da Guerra de Troia. Era filha de Icário e de Periboea. A longa viagem de retorno de Ulisses é o tema da Odisseia, de Homero. Não havia notícia se Ulisses estaria vivo ou morto. Icário sugeriu que sua filha se casasse novamente mas Penélope recusou e que esperaria a volta de seu marido. Diante da insistência do pai ela, para não desagradá-lo, resolveu aceitar a corte dos pretendentes à sua mão, com a condição de que o novo casamento somente acontecesse depois que terminasse de tecer um sudário para o pai de Ulisses, Laerte. Esperava ela adiar o evento o máximo possível. Durante o dia Penélope tecia, e à noite desmanchava todo o trabalho. Mas uma de suas servas descobriu o ardil e contou toda a verdade. Ela então propôs outra condição ao seu pai. Conhecendo a dureza do arco de Ulisses, ela afirmou que se casaria com o homem que o conseguisse encordoar. Dentre todos os pretendentes, apenas um camponês humilde conseguiu realizar a proeza. Imediatamente este camponês revelou ser Ulisses, disfarçado após seu retorno. Penélope e Ulisses tiveram um filho - Telêmaco.



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

